

EDUCAR TAMBÉM FAZ RIR

Bom humor na sala de aula é benéfico e aproxima os alunos, mas limite é fundamental

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche disse uma frase que pode elucidar, em poucas palavras, a questão do bom humor na sala de aula: "rindo, dizer as coisas sérias". Pode parecer difícil manter uma postura leve sem ser permissivo, mas é possível ser exigente com os conteúdos, deixar espaço para brincadeiras e ajudar a criar um clima de proximidade e cumplicidade em sala de aula. No entanto, esta conduta também tem muito a ver com a personalidade do professor.

Para a psicóloga do Colégio Interativa, de Londrina (PR), Kellen Escaraboto, primeiro o docente precisa entender o que é ter uma atitude mais solta, mais amiga, ou seja, é necessário ter consciência dos seus valores, do que seria e como seria esta atitude. "Precisa parecer natural, ser feito com naturalidade e não de forma imposta, para que não soe artificial", salienta. Ela cita o exemplo de um docente que conhece, que toca violão e até leva o instrumento para a sala de aula. "Ele montou uma banda com a garotada, participa dos passeios. Na hora do intervalo, senta-se com os alunos para saber a história de cada um. Claro, é o estilo dele, mas o professor tem que entender que proximidade não é só chegar e dizer 'e aí galera'.

Isso não gera nada." Ser alegre em um ambiente coletivo faz a diferença. Essa é a opinião de Leonardo Moraes, diretor pedagógico do Instituto de Pós-Graduação (IPOG), presente em 18 Estados. "As pessoas aprendem mais e melhor quando estão em espaços felizes. A sala de aula não pode ser diferente. O professor deve exercitar o sorriso, a gentileza a alegria, afinal, estes sentimentos são capazes de energizar uma sala inteira", afirma. Porém, diz o diretor, é necessário dosar. "Deve ser uma



Para o diretor do colégio Expoente, Marco Aurélio Kalinke, os momentos de descontração são essenciais para renovar a capacidade de concentração, mas não podem ser exagerados. "Achar este meio termo é uma busca diária no exercício da docência."

postura equilibrada e natural, afinal todo tipo de exagero atrapalha."

O diretor do colégio Expoente - Unidade Boa Vista e diretor da Faculdade Expoente, Marco Aurélio Kalinke, de Curitiba (PR), ex-

plica que ser um professor mais "legal" não é mais uma escolha pessoal - uma postura dinâmica faz parte do contexto educacional atual, onde os alunos, em especial os adolescentes e jovens, exigem cada vez mais que o docente fale a linguagem deles. "Se não criamos algum 'insight' a cada 15 minutos, perdemos a atenção dos nossos alunos.

Os momentos de descontração são essenciais para renovar a capacidade de concentração, mas não podem ser exagerados, pois neste caso a concentração não volta. Achar este meio termo é uma busca diária no exercício da docência", analisa o gestor que também é professor de Matemática. Um bom treino para encontrar este "idioma", segundo ele, é procurar uma linguagem que os alunos entendam facilmente. "Mesmo em matérias mais técnicas, é importante achar exemplos, fatos ou histórias que sejam capazes de atrair a atenção dos alunos", completa.

Kalinke ainda lembra que a participação dos alunos é sempre bem-vinda dentro de sala, ou seja, o professor pode deixar espaço para que um deles faça um comentário ou conte uma piada, por exemplo. "As brincadeiras de mau gosto devem ser evitadas e as positivas incentivadas. Com bom senso, o professor pode conduzir estas situações a seu favor e trazer os estudantes para participar da aula de forma mais efetiva."

Moraes enfatiza que as ferramentas atuais, principalmente as oriundas da internet, ajudam muito o professor na busca dessa nova metodologia, como vídeos contextualizados com a aula, slides e música, entre outros. "Com criatividade e inovação, podemos transformar assuntos comuns em excelentes oportunidades de aprendizagem", acrescenta. Outra dica do diretor é estar sempre aberto a diálogos, pois só brincadeiras não resolvem a lacuna da falta de aproximação. "O monólogo não é



o melhor caminho, a prática deve ser sempre coletiva. Portanto, envolva-se para encantar seus alunos."

A psicóloga Kellen cita como alternativas de aproximação, além dos recursos audiovisuais e do compartilhamento de Twitter, Orkut e outras redes sociais, espaços de convivência para docentes e alunos, que devem ser incentivados e planejados principalmente pela direção da instituição de ensino. "A escola (Colégio Interativa) tem realizado acampamentos, viagens culturais, churrascos, idas ao cinema e a pizzarias, o que gera ótimos resultados. O professor que participa destas atividades acaba criando um espaço comum."

Hoje exercendo cargos de direção, o professor Kalmke, que é doutor na área, sempre foi conhecido por manter uma postura amigável em sala de aula e agora, por conta das novas atribuições, procura separar o diretor do professor. "Os alunos percebem esta diferença logo nos primeiros contatos. Eu não levo o diretor para a sala de aula quando estou ministrando minhas aulas e eles não trazem o professor para a sala da direção, quando precisamos resolver assuntos administrativos ou disciplinares. É uma separação bastante clara e tranquila. São dois personagens que convivem muito bem."

Ele conta que busca fazer com que as aulas sejam mais descontraídas, principalmente pela disciplina que ministra. "A Matemática, por si só, já gera um certo desconforto em muitos alunos. Se pudermos quebrar esta barreira, boa parte do caminho para o seu aprendizado estará sendo trilhado", recomenda.

Atenção aos limites

É indispensável que o professor tenha em mente sempre a medida da descontração: ser amigo e próximo não significa ser permissivo. "Proximidade envolve habilidade interpessoal, assim como em qualquer relacionamento. É preciso estabelecer limites e também é necessário que o professor tenha limites, respeite as normas estabelecidas pela escola. Se ele é próximo dos alunos, tem que ter consciência que está servindo como 'espelho' da garotada", orienta Kellen.

O diretor do colégio Expoente acredita que o limite faz com que o aluno entenda que há uma diferença entre quem ensina e quem aprende. "Sempre digo aos meus alunos que

durante os 50 minutos da aula a diferença entre nós é que teoricamente eu sei mais matemática do que eles, e eles precisam manter uma postura de respeito a esta troca de saber. Se o assunto fosse outro, eu poderia ser o aluno e eles os professores e, neste caso, eu os respeitaria. O que deve ser respeitado é o saber e a possibilidade que ele seja compartilhado, e não o cargo ou o título que cada um ostenta."

Já para o diretor pedagógico do IPOG, o primeiro passo para conseguir estabelecer fronteiras é focar no profissionalismo. "Precisamos entender que ser professor não é estar professor. Agindo assim, o professor terá a educação pelo exemplo", explica.

Questão de estilo

E quando o perfil do professor é ser mais sério e focado apenas no conteúdo? O que fazer para conseguir deixar a aula mais leve se essa "descontração" não faz parte da personalidade? "Muitos de nós somos tímidos, o que não significa sermos isolados, envergonhados ou mesmo termos medo dos outros, da sala de aula. Existem metodologias para aperfeiçoar uma boa postura em sala de aula", diz Moraes. Cursos de didática e de ensino para a sala de aula também são boas opções. "Muitos profissionais se tornam professores, ou seja, não tiveram uma formação didática. Isto indica que devem se profissionalizar para a docência."

"Sair" da sala dos professores, de acordo com a psicóloga Kellen, é uma das primeiras atitudes a ser tomada pelo docente. "Tenho um amigo professor que sempre diz que este é o lugar mais 'contaminado' da escola porque ali os professores, em algumas instituições, vão delineando uma cultura do professorado. Se esta cultura é positiva, de empatia e aproximação, tudo bem. Mas se existe na escola uma cultura pessimista e rotuladora, os professores que chegam diferentes e com perspectivas educacionais podem acabar sendo influenciados", analisa. •

Já pra fora!

Certos assuntos devem ficar bem longe da sala de aula. Está proibido:

- Não caia no "achismo". Se revolver tratar sobre um assunto e não souber sobre ele, procure se qualificar e estude sobre os mesmos antes de abordá-los em classe;
- Evite falar de religião. É importante lembrar que o ambiente é uma sala de aula. Porém, não é indicado fugir dele. É ideal que o professor se prepare para visões e percepções diferentes das que acredita;
- Outro assunto que tem de ficar de fora é a televisão como entretenimento. Comentar um programa que tem como foco apenas o entretenimento e não incitar o senso crítico não agrega para a sala de aula.

Fonte: Leonardo Moraes, diretor pedagógico do Instituto de Pós-Graduação (IPOG)